

IVETE PIERUCCINI

MEMORIAL

Apresentado ao concurso para provimento efetivo de um cargo de Professor Doutor, MS-3, na área de "Administração de Serviços de Informação", junto ao Departamento de Biblioteconomia e Documentação, da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo.

2005

"um acontecimento vivido é finito,
ou pelo menos encerrado na esfera do vivido,
ao passo que um acontecimento lembrado é sem limites,
porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois.
(...) é a reminiscência que prescreve, com rigor, o modo de textura"

Walter Benjamin

SUMÁRIO

Percursos	02
1. Dados pessoais	22
2. Formação Acadêmica	22
3. Atividades Profissionais	23
4. Participação em Cursos, Congressos, Seminários	24
5. Debates, Seminários, Palestras ministradas	27
6. Mesas Redondas, Conferências, Cursos ministrados	28
7. Comissões	30
8. Atividades de Coordenação	30
9. Estágios e Missões de trabalho	31
10. Bancas	31
11. Publicações	32
12. Relatórios técnico-especializados e outras publicações	32
13. Programa de Televisão	33

Percursos

Em 1968, com 17 anos de idade, tomei conhecimento da recém-criada *Escola de Comunicações Culturais*, da USP. Cursando na época o 2º ano do curso *Clássico* e reconhecendo tendências e interesse pelos conteúdos oferecidos na área de Ciências Humanas, percebi que a *ECC* poderia ser a Faculdade adequada ao que desejava estudar e conhecer. Os universos da informação e da comunicação pareciam-me fascinantes num mundo em plena ebulição, com realidades e valores desconhecidos emergindo da nova ordem sociocultural que agitava o país e o mundo.

Na época, estudava em curso noturno e usava o período do dia para aprender idiomas. Dava aulas particulares de português a italianos que vinham morar no Brasil, e de italiano a duas brasileiras, por indicação de um professor holandês. Com ele, fazia aulas de alemão e francês, preparando-me para o vestibular da *ECC* que, naquela época, exigia o domínio de quatro línguas.

Nos intervalos entre as aulas, ia até a Biblioteca Mário de Andrade, em busca de livros, principalmente de Literatura e de História. Saía da casa do professor, no Largo do Arouche, local do curso, e ia caminhando até a Rua da Consolação, onde ficava Biblioteca. No trajeto, eu me preparava, fazia planos, cultivava esperanças e felicidades que somente grandes escritores, filósofos e historiadores eram capazes de me proporcionar. Fazia previsões, imaginava histórias, criava situações e dificuldades pelo prazer de poder encontrar autores que dialogassem com minhas indagações, que se voltassem para meus pensamentos, dizendo-me que eu não estava só. Eu sentia, eu vivia, eu tinha 17 anos e o mundo me chamava.

Nem sempre, contudo, retornava com algum livro debaixo do braço. Dependendo de quem estivesse no atendimento da biblioteca, era impedida

de tomar emprestados os materiais que desejava. A alegação? "Você não mora na região!". Ou então, "você não sabe que deve fazer uso da biblioteca mais próxima da sua casa?" Mistura de perplexidade, de vergonha e indignação me tomava. Voltava para casa em silêncio: o conhecimento era questão de geografia ?

À medida que o ano de 1968 avançava, não somente eu, mas a cidade se transformava. A partir de então, o centro de São Paulo não seria mais o local quase mágico dos cinemas e dos passeios com meu pai quando criança; o território livre que me oferecia a possibilidade de convívio, mesmo se às vezes frustrado, com a "cidade das letras" que ia muito além da Pompéia, onde eu vivia numa casa de vila operária... A cidade tornava-se dura, praça de guerra, de confrontos entre aspirações de liberdade, justiça e participação de todos nos destinos do país e um Estado e um tempo inflexíveis.

A necessidade de compreender o que acontecia comigo e com o mundo à minha volta crescia diante dos acontecimentos espantosos do período, que não poderiam deixar de influenciar minhas escolhas para o vestibular. Assim, depois das muitas avaliações que fazíamos entre os amigos, optei pela ECA, mas também por cursar *Ciências Sociais*. Então, além da USP, fiz inscrição para prestar o exame na PUC, pois assim talvez pudesse seguir os dois cursos desejados. Aprovada nos dois vestibulares, fiquei somente com a ECA, por razões econômicas e de incompatibilidade de horários. Porém, permanecia em mim o interesse pela cidade, o país, o mundo. Eram muitos os seus encantos, mas também muitos seus problemas e descompassos... E eu tinha a vida pela frente!

Na ECA, a diversidade de cursos oferecidos abria novas possibilidades, chamando-me a atenção para outras áreas, além do Jornalismo e Editoração, meu primeiro foco de interesse. As aulas de formação e cultura geral, de contextualização da problemática cultural eram as de que eu mais gostava. Eu ficava fascinada com as "chaves" que me forneciam para compreender o que acontecia na sociedade.

Naquela época, as opções para os cursos aconteciam a partir do 5º semestre. Assim, antes desse momento definitivo, entrando para o 4º semestre do Ciclo básico, realizei, na iniciante Biblioteca da ECA, um mini-

estágio de uns três meses. Ali, tomei contato com a produção da biblioteca, com a importância e o fluxo dos procedimentos, observando "de dentro" a estrutura que até então utilizara como aluna. O tipo de trabalho demandado me mobilizava: disponibilizar livros, jornais, revistas, apostilas e outros materiais a alunos e professores. Era como se eu pudesse reverter o que antes, na biblioteca pública, me havia sido dificultado por força "do domicílio".... Desse modo, o "mini-estágio" nem acabou sendo tão "mini" assim, nem tão "estágio". Minha vida profissional estava se decidindo ali, sem que eu tivesse ainda clareza do que ocorria.

Então, iniciei logo um outro estágio no Setor de Documentação do Centro de Integração Empresa-Escola, trabalhando na organização de materiais especiais, principalmente regulamentos e legislação de ensino técnico e superior, usados para a produção do *Dicionário Brasileiro de Profissões*, editado pela instituição. Era um modo de clarear minhas opções e de me garantir em relação ao interesse crescente pela área, despertado na ECA. Não tive mais dúvidas. No 5º semestre, a opção foi por Biblioteconomia.

Concluído o estágio, depois de quase dois anos, o curso também chegava ao final e, antes do término das aulas, provas e trabalhos, fui convidada, por indicação da Professora Maria Antonieta Ferraz, a participar de processo seletivo para uma vaga de Técnico em Documentação, no Serviço de Documentação do Conselho Estadual de Tecnologia (CET).

Ainda que a proposta não atendesse aos meus ideais profissionais, dado que minhas preferências continuavam sendo as áreas de Cultura e Educação, de outro lado, entretanto, o tipo de trabalho oferecido me permitiria pôr à prova a experiência anterior, em perspectivas mais amplas, uma vez que os recursos prometidos favoreceriam o desenvolvimento de trabalhos inovadores. Tais promessas davam chance de crescer profissionalmente, algo que eu almejava muito. Por outro lado, a ansiedade pelo primeiro emprego como profissional formada, era uma clara meta subjetiva que eu também precisava realizar.

Meu trabalho no CET fazia interface com as equipes de economistas e engenheiros, responsáveis pelo apoio à definição das políticas públicas do setor. Eu trabalhava no processo de seleção e aquisição de livros técnico-especializados, sobretudo importados, e também acumulava atividades de

tratamento documentário. Os conteúdos tratados eram altamente especializados, exigindo o uso de recursos, apenas conhecidos por meio da literatura indicada na bibliografia das disciplinas. Ali, tomei contato com a produção e uso de Vocabulários Controlados (especializados), bem como com procedimentos para a produção de sistemas especiais de recuperação de informações, bastante distintos dos catálogos manuais, em fichas, que aprendíamos a elaborar nas disciplinas de Catalogação e Indexação.

Passados os primeiros meses e já conhecendo as possibilidades e limites que o trabalho como Técnica em Documentação poderia proporcionar, sentia crescer a necessidade de buscar uma nova experiência, em biblioteca propriamente, onde pudesse realizar projetos mais afinados com os ideais da época de estudante. Eu continuava sendo mobilizada pela Cultura e Educação e, sobretudo, pelo desejo de busca e produção permanentes de conhecimentos que a Universidade possibilita.

Felizmente, nessa época, a Universidade de São Paulo abria vagas de bibliotecários para as suas diferentes unidades. Eram muitos cargos, mas também muitos candidatos, uma vez que boa parte dos profissionais, já em atuação, não era de funcionários efetivos. Inscrevi-me no concurso e continuei trabalhando no CET, no aguardo dos exames de ingresso.

Como tivesse obtido boa classificação, teria chances de escolher uma unidade, na área de meu interesse. Pretendia a biblioteca da Escola de Comunicações e Artes, em primeiro lugar, ou a da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, que eu freqüentara muito, durante a graduação. Consegui a ECA! A necessidade de trabalhar e a possibilidade de retornar ao ambiente acadêmico, onde meu desejo de conhecimento encontrava ressonância, poderiam agora se integrar, abrindo nova etapa em minha vida pessoal e profissional.

Na Biblioteca da ECA, éramos um grupo de seis profissionais, coordenados por Maria Christina Barboza de Almeida. O projeto de trabalho girava em torno da qualificação do atendimento e da ampliação dos serviços informacionais, a partir da criação e/ou sedimentação de setores de produção: Tratamento documentário, Referência, Periódicos, Hemeroteca, Audiovisuais, além da prática sistemática de *Disseminação Seletiva da*

Informação, que realizávamos de modo cooperativo entre os membros da equipe.

Fui solicitada, acho que por razões de perfil, a atuar no Setor de Referência, no apoio à pesquisa a alunos e professores, bem como na gestão da equipe encarregada dos procedimentos de organização física do acervo, circulação e empréstimo de materiais, realizados por estagiários e atendentes. Atuava, assim, tanto como mediadora entre as demandas informacionais de alunos, professores e pesquisadores quanto na coordenação dos trabalhos do chamado *Balcão de Atendimento*.

Os anos entre o ingresso e a saída da Biblioteca da ECA (1974 a 1977) foram particularmente difíceis para a USP. Convívio com a repressão, cercos do *campus*, preocupações quanto aos destinos da universidade e dos universitários. O Setor de Referência não poderia deixar de catalisar desconfortos do quadro histórico do momento. Quais os critérios a serem observados, por exemplo, face a questões tão banais, como a negociação de prazos de empréstimo? Alunos e professores, como apareciam, podiam desaparecer da biblioteca, levados pela repressão, sem que ninguém soubesse. Nesse quadro, os regulamentos da biblioteca podiam ser mantidos? E aqueles que não cumpriam o estabelecido por posições contraculturais da época, e não simplesmente por puro descuido? E aqueles descomprometidos com os bens comuns? Como saber o que separava uns e outros? Quais critérios usar para decisões administrativas?

Do período e suas mazelas, ficava uma grande aprendizagem: opções administrativas estão inseridas no tempo e no espaço históricos, não são universais técnicos, aplicáveis indiscriminadamente a toda e qualquer realidade. Desse modo, se o difícil e direto embate na Referência gerou inúmeras angústias a uma profissional há pouco saída dos bancos universitários, permitiu, por outro lado, a compreensão da existência de relações inextricáveis entre políticas institucionais e políticas sociais, entre administração e sociedade. Administrar não seria jamais um exercício meramente técnico, de controle de produtos, processos e pessoas visando a simples eficácia de serviços. A experiência da ECA acompanharia para sempre minha vida profissional e permitiria, tal como Simone Weil, criticar a partir da experiência concreta a *racionalização* a

que ela se refere, ou seja, paradigmas tradicionais, mas ainda correntes na administração de serviços de informação.

O nascimento de meu primeiro filho, em 1976, ocorreu quando ainda estava como bibliotecária na Universidade. O casamento, a maternidade levaram-me a um amadurecimento que me impulsionava para outros territórios extra-universitários, apesar de meu apego à vida acadêmica. Chegava o momento de deixar a "casa paterna" da USP para constituir minha própria casa. Quem sabe, um dia, retornasse...

Assim, em janeiro de 1977, quando a Prefeitura de São Paulo abriu concurso público para bibliotecários em várias de suas unidades, resolvi inscrever-me. Havia acumulado uma experiência importante com o trabalho de apoio à pesquisa como bibliotecária de Referência na ECA e a *pesquisa escolar* era uma prática que virara a razão de ser das bibliotecas públicas. Eu poderia contribuir para o avanço de tais práticas em contextos sociais distintos da Universidade; eu poderia levar minha experiência para contextos que necessitavam das aprendizagens que a USP proporcionava. (Só mais tarde eu compreenderia o enorme problema educacional e cultural expresso nesse fenômeno de *escolarização* da biblioteca pública!).

Aprovada, escolhi trabalhar numa biblioteca infanto-juvenil. Por sorte e pela boa classificação no concurso, pude escolher uma biblioteca próxima ao bairro em que residia, na região oeste da cidade. Ali, permaneci por onze anos: dois, como bibliotecária de atendimento; nove, como chefe de biblioteca. Ali, fechava um ciclo e começava uma longa carreira ligada à gestão de serviços de informação. Que duraria vinte e sete anos!

* * *

Ao ingressar no Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis, da Secretaria Municipal de Cultura, deparei-me com um quadro institucional arcaico, que atuava por meio de ordens hierárquicas, bastante distinto das

realidades com que eu havia convivido especialmente na Universidade. A gestão da rede de bibliotecas era realizada por instâncias de Supervisão Técnico-Administrativa, através do controle normativo, regulado por índices numéricos de frequência declarados nos relatórios mensais, trimestrais e anuais.

Felizmente, apesar da rígida hierarquia e do controle central sobre as unidades, a distância geográfica entre o Departamento de BIJ e as bibliotecas ramais dava margem à invenção de caminhos próprios (para o bem ou para o mal), ainda que impossível de serem declarados, sob pena de reprimendas por contrariar a hierarquia.

Desse modo, observando tais possibilidades, dois anos depois de meu ingresso, aceitei assumir a chefia da biblioteca. Mesmo considerando a delicada situação local, de funcionários desmotivados e despreparados para funções mais complexas, achei que valeria a pena ter a oportunidade de pôr em prática algumas de minhas idéias, e que iam em sentido contrário ao modelo de gestão piramidal vigente na Rede a que pertencia.

A biblioteca, de acordo com os parâmetros culturais que buscava atingir, demandava projetos e ações muito distintos dos que vinham acontecendo. Para resgatá-la como espaço propício à participação cultural e adequado às novas demandas da infância e juventude, foi necessário rever e reaver relações locais, promover programas de intercâmbio com escolas vizinhas, melhorar a qualidade do atendimento, incluindo uma série de condições infra-estruturais específicas. Dentre elas, foi particularmente priorizada a formação dos funcionários para um novo projeto de biblioteca, engajando o grupo em processos de atualização permanente e de avaliação sistemática do trabalho realizado.

Na prática, a primeira atividade nesta direção foi a promoção de um evento, com duração de um mês, realizado em parceria com a comunidade, mais especificamente, com grupo de professoras interessadas em apoiar ações da biblioteca. Em seguida, abordamos as escolas do entorno, especialmente as da rede pública estadual e uma Escola Municipal de Educação Infantil vizinha, com crianças de 2 a 6 anos. Rompendo com determinação central que indicava que as bibliotecas deveriam atender à população infantil a partir de 06 anos de idade, instituímos um programa

permanente de trabalho com a referida EMEI, objetivando aprendizagens ligadas ao livro e à leitura, que se manteve por vários anos, com positivos resultados, reconhecidos tanto pela escola quanto pela biblioteca.

Com essas escolas, passamos a organizar programas sistemáticos de trabalho, com a finalidade de:¹ :

"divulgação dos recursos e serviços disponíveis na biblioteca, (e garantir....) o entrosamento com os professores, no sentido de propiciar a discussõesobre a questão da leitura como forma de expressão da criança" e "abrir novos caminhos à busca e apreensão da informação,rediscutir a relação aluno/professor/biblioteca, garantido um espaço de expressão para os participantes, com ênfase no uso do acervo, considerado o interesse do aluno" (p.2)

Por defender e não abrir mão da concepção de gestão participativa do projeto cultural da unidade, eu percebia, em consequência, a necessidade de buscar novos referenciais capazes de responder à proposta que eu me havia imposto. Nesse intuito, participei de diversos eventos (Congressos, Encontros, Seminários) tanto como participante quanto como palestrante, na perspectiva de debater o trabalho em desenvolvimento.

Engajei-me, assim, a grupos de trabalho voltados à formação de mediadores de culturais, fundamental à proposta não-tecnicista e não-burocrática que se pretendia implantar. Não se tratava de desenvolver novos procedimentos de gestão apenas: tratava-se, antes, de constituí-los a partir do projeto cultural a que estavam vinculados, no caso, projetos de leitura e de inclusão nos circuitos da escrita e da informação.

A principal iniciativa nessa direção, marcantes na minha história profissional, foi o Projeto Quero Ler, criado em 1983, sob a coordenação do Prof. Edmir Perrotti, com duração até final de 1988. Durante os cinco anos de existência do projeto, participando na coordenação das ações realizadas pelas bibliotecas da Zona Oeste, promovemos reuniões sistemáticas para discussão de conteúdos e metodologia de trabalho, além de encontros anuais de acompanhamento e avaliação.

¹ Conforme Relatório anual de 1986, apresentado à Supervisão de Bibliotecas Ramais.

Dentro do mesmo caráter informativo e formativo das equipes do Departamento, participei também como coordenadora da realização de dois encontros do SACI - Seminário de Ação Cultural e Integração- que conseguiu mobilizar os funcionários das Bibliotecas Infante-Juvenis, condição que muito favoreceu os processos de discussão e participação das equipes existentes.

Na busca por aprofundar, de forma mais sistemática, as reflexões sobre a complexidade da gestão e das práticas culturais em serviços de informação, fui levada a fazer, em 1986, o Curso de Especialização em "Ação Cultural", na ECA, coordenado pelo Prof. Dr. Teixeira Coelho, e concluído em 1987. O programa do curso incluía estudos acerca dos quadros culturais contemporâneos, especialmente a problemática da indústria cultural; marketing e gestão de recursos para programas culturais; palestras e debates visando esclarecer as relações entre arte e ação cultural, atualizando os debates que eram feitos em diferentes esferas da Cultura. De forma generalizada, a temática da ação cultural estava em evidência e era preciso mantê-la em discussão, aprofundando a compreensão de seu significado entre nós.

Nessa perspectiva, o curso gerou desdobramentos. Um dos mais significativos foi a criação da Associação Paulista de Agentes Culturais (APAC) da qual participei como membro-diretor, com outros alunos da especialização. A entidade realizou eventos, dentre eles o "I Encontro de Agentes Culturais" de São Paulo, na Oficina Três Rios, cujo objetivo era discutir o conceito de ação cultural, tendo em vista definir o papel do agente cultural nas instituições de Cultura. De algum modo, o debate retomava um aspecto que para mim ficava cada vez mais evidente: o papel central e definidor dos quadros profissionais nas dinâmicas organizacionais. Com o curso, eu via reafirmada minhas convicções da necessidade de desenvolvimento de estruturas profissionais que priorizassem o elemento humano e sua complexidade, como ponto de partida das organizações sociais, em geral, incluídas aí, em particular, as de informação e cultura, meu foco de atenção.

A realização desses eventos e demais ações formativas forjaram a constituição de um grupo de bibliotecários e mediadores de leitura, que pretendia a democratização e modernização da Rede de Bibliotecas

Infanto-Juvenis. Tal pretensão era calcada em princípios que vinham sendo discutidos e sistematizados, sobretudo no âmbito do Projeto Quero Ler. Tínhamos em vista implantar novas formas de gestão e de práticas culturais para as bibliotecas públicas infanto-juvenis.

Nesse quadro, em 1989, passei a ocupar o cargo de Supervisora de Bibliotecas Ramais, da Diretoria do Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis. À Supervisão se vinculavam hierarquicamente todas as bibliotecas e bibliotecárias-chefes que compunham a Rede Municipal, na época, quase quarenta unidades e chefias.

Conforme relatei em minha dissertação de mestrado², as expectativas iniciais de transformação dos modelos vigentes eram muito grandes. Segundo anunciava a administração recém-empossada, as bibliotecas seriam as "meninas-dos-olhos" da Secretária de Cultura e teríamos, enfim, a tão almejada possibilidade de reverter caminhos que não correspondiam às necessidades de informação e cultura da cidade.

O trabalho no período foi intenso, rico e desafiante. Muitas discussões, muitas reuniões, muitos embates necessários e inevitáveis em processos de construção do novo. A passagem de um modelo de administração piramidal para um modelo participativo criava um contexto excepcionalmente dinâmico, promovendo encontros e desencontros, afetos e desafetos das mais diferentes ordens. Trabalhávamos muito, mas nos sentíamos atuantes e vivos.

Houve, infelizmente, dificuldades insuperáveis. Entre elas, uma dissonância indisfarçável entre o quadro profissional (estável) que compunha a Diretoria do Departamento e o quadro político-administrativo (temporário) da gestão que ocupava então a Secretaria de Cultura. Ainda que partilhassem de concepções e pontos de vista comuns sobre o papel e a importância das bibliotecas públicas no desenvolvimento da cidadania, havia discordâncias profundas entre o modo como o gabinete da Secretaria de Cultura encaminhava as questões e o modo como encaminhava a Direção de BIJ. A transição de um modelo burocrático de biblioteca pública para um outro, de caráter participativo, gerava assim crises sucessivas e

² FARIA, I.P. Estação Memória: lembrar como projeto. Contribuições ao estudo da mediação cultural. São Paulo, 1999. (Dissertação de mestrado apresentada à ECA/USP)

desgastantes, tornando insustentável a permanência da Diretora geral do Departamento no cargo.

Por entender que sua saída significava não apenas mudança de pessoas, mas de rumos administrativos, pedi exoneração do cargo de Supervisão. Apesar de possíveis equívocos e de diferenças, a Diretoria formava uma equipe empenhada em projeto de biblioteca articulado aos desejos de expressão e cidadania para todos. Estava em causa, portanto, não uma possível questão pessoal envolvendo a exoneração da Diretora, mas um modo de compreender as relações entre a gestão dos serviços públicos e os quadros profissionais, entre Administração e Políticas Culturais.

O trabalho na Supervisão possibilitou um ganho intelectual importante: a compreensão de que a pretendida mudança de rumos da biblioteca implica não somente um *saber fazer* técnico-administrativo de seus profissionais, mas, especialmente, um *querer e poder fazer*, categorias que, naquelas circunstâncias, mostravam-se desconectadas. Projeto político e gestão técnico-administrativa estavam em descompasso, apesar da vontade manifesta de todos por transformações conceituais e estruturais na administração dos serviços culturais da cidade.

Em 1990, ao sair da Supervisão das Bibliotecas Ramais, propus-me a prosseguir na busca de alternativas de mudança, mediante a realização de um trabalho de articulação de práticas culturais que ocorriam de forma desconexa na rede de bibliotecas, injetando aí novos aportes conceituais e metodológicos por mim apropriados ao longo do tempo. Era um novo modo de contribuir, continuando fiel a princípios que faziam parte de minha história de trabalho e de vida.

O acompanhamento sistemático de um grupo de profissionais de outros setores de serviços da municipalidade, realizado em parceria com outra bibliotecária da unidade onde me achava lotada, bem como a gestão de programas de leitura com crianças e jovens foram expressivos e chegaram a ganhar representatividade junto a segmentos da comunidade por eles atingidos, mostrando que os caminhos da organização da cultura passam por diferentes frentes e processos.

No entanto, se os caminhos são efetivamente múltiplos, nossa experiência

mostrava que as diferentes alternativas correm riscos de cristalização ou isolamento, quando desvinculadas das políticas institucionais gerais. Desse modo, se no âmbito das práticas culturais tornava-se possível criar, no paralelo, determinados parâmetros de atuação, percebia-se, por outro lado, que tais conquistas não conseguiam incorporar-se e transformar a estrutura das bibliotecas em seu todo. Na medida em que as unidades não dispunham de autonomia e de instrumentos diversos necessários para absorver e transformar tais parâmetros em critérios de ação, estes não conseguiam ter existência além das experiências que lhes davam origem. Em outros termos, mesmo tentando qualificar cada vez mais o meu trabalho, ele estava sempre comprometido pelas políticas correntes, marcadas pelo centralismo e descontinuidade administrativos, pela cisão entre a configuração dos serviços de informação e a realidade, pelo conservadorismo, explícito ou implícito, que continuavam se impondo na Rede como um todo, a despeito dos propósitos transformadores da administração.

A consciência desta condição foi definitiva para a tomada de decisão que me faria buscar parceiros fora do âmbito do serviço e que, ao mesmo tempo, me permitiria alargar a compreensão de minha experiência na gestão dos equipamentos públicos. Os seguidos episódios mostravam nitidamente que chegara o momento - inadiável - de retornar à Universidade, não apenas como aluna interessada em aprendizagens profissionais, mas, sobretudo, como pesquisadora preocupada em investigar, sistematizar e dar significado às minhas próprias experiências, colocando à prova os repertórios construídos ao longo de anos, ou seja, transformando o vivido em conhecimento científico. Aprendera, em minha trajetória, que transformar a instituição biblioteca, no sentido de que esta não seja apenas um centro de recursos, mas um pólo informacional e cultural vivo, é um imenso caminho a ser trilhado e vencido, envolvendo, obrigatoriamente, na época contemporânea, a substituição de um modelo *técnico-profissional* por um modelo *científico-profissional*, condição que prevê necessariamente a aproximação entre Universidade e Sociedade, entre a produção de indispensáveis conhecimentos científicos e novos modos de fazer profissional.

Se eu reconhecia a necessidade imperativa de retorno à Universidade, já com 42 anos e várias experiências profissionais, reconhecia, também, que

tal retorno não poderia se dar de qualquer modo. Em especial, não poderia significar *esquecimento* ou forma de menosprezo do saber profissional. Tinha claro que *saber profissional* e *saber acadêmico* formavam um conjunto de elementos irreduzíveis em si mesmos, mas complementares e inter-relacionados. Com isso, buscava não apenas um retorno à academia, mas sobretudo um modo de compreender as relações entre os *saberes* e os *fazer*s, pois como prezava e considerava a ciência e suas dinâmicas próprias, prezava também o campo profissional, como instância onde a práxis social se dá em sentido largo, produzindo, como a ciência, movimentos definidores da ordem cultural.

Meu projeto de retorno encontrou ressonância nos trabalhos de constituição de um núcleo de pesquisa no CBD/ECA/USP, o PROESI - Programa Serviços de Informação em Educação, criado com a finalidade de estudar e construir novos conceitos de serviços de informação e cultura, em seus diferentes aspectos teóricos e práticos. Tal perspectiva aproximava-se de meus interesses, sobretudo, por trazer consigo o desenvolvimento de posturas metodológicas que se caracterizavam por cooperações diretas e concretas com diferentes contextos educacionais e culturais. Nesta perspectiva, voltei à ECA, tendo como primeiro objetivo a criação e implantação, na Biblioteca "Álvaro Guerra" (Pinheiros), de um novo serviço de informação e cultura, resultante de pesquisa, coordenada pelo Prof. Edmir Perrotti, a *Estação Memória*.

Resolvidos os trâmites burocráticos afetos à questão, passei, assim, a atuar tanto nos espaços do PROESI/ECA/USP, quanto na Biblioteca, transitando entre a academia e o serviço, o que me permitiu, ao mesmo tempo, coordenar a implantação da *Estação Memória* e realizar o projeto de mestrado. Conseguia, deste modo, condições de atuação marcadas por parâmetros científico-profissionais que eu havia sempre buscado, e que implicavam a necessária reunião entre teoria e prática.

Em 1993, iniciei, portanto, um estágio profissional no PROESI para que eu me apropriasse das referências indispensáveis à implantação da *Estação Memória*, à época ainda em fase embrionária, nomeada *Arquivo Cultural para Crianças*. As diversificadas atividades do estágio, aliadas ao ingresso no curso de pós-graduação, incluíam tanto pesquisas bibliográficas, discussão dos processos, procedimentos e práticas específicos ligados ao

objeto e à implantação do serviço, quanto cooperação em atividades do PROESI. Era uma condição privilegiada de socialização científica, bem como de apropriação das dinâmicas de gestão da produção acadêmico-científica, processos distintos da dinâmica profissional que eu dominava. Desse modo, meu papel ali não se restringia à absorção de referenciais para a criação do novo serviço. Tratava-se também de participar efetivamente da implantação de uma nova modalidade de produção científica, de caráter colaborativo, entre ciência e serviço.

A inserção efetiva no ambiente acadêmico, especialmente a participação nas atividades de administração da pesquisa e de organização de eventos científicos nos quais o PROESI atuava, constituiu um programa sistemático de trabalho que me deu muita satisfação realizar. Eu encontrava naquele modo de produzir a tão almejada articulação entre teoria e prática que tanta falta faz seja ao campo profissional, seja ao acadêmico.

A participação nos programas de intercâmbio realizados pelo PROESI, no período 1993 a 2000, merece destaque. Foi essencial, significando minha iniciação no circuito científico nacional e internacional, condição à realização do projeto que me dispunha desenvolver. Os programas permitiram a participação em eventos (encontros, seminários e fóruns) científicos no Brasil e no exterior, envolvendo discussão de idéias e de concepções, estágios, troca de resultados de pesquisas, intensa circulação de idéias no campo de opção. Nesse sentido, o programa de cooperação entre pesquisadores do Brasil (PROESI) e França (Académie de Créteil) foi especialmente significativo, permitindo-me, em dois momentos (1997 e 1998) fazer parte de missões de trabalho em Paris (FR), para discussão, no circuito do Institut National de Recherches Pédagogiques e do Centre de Recherches Documentaires et Pédagogiques, da problemática envolvendo o objeto da pesquisa em desenvolvimento. Resultado de tais missões internacionais de trabalho e do processo que elas deflagraram na aproximação entre os circuitos Brasil-França, foi a produção de um artigo publicado na Revista francesa *Lignes d'écritures*, sistematizando práticas culturais de implantação do serviço *Estação Memória*.

Entre 1995 e 1996, algumas experiências marcantes permitiram-me confirmar meu interesse pela docência. Descobri, no período, potenciais didático-pedagógicos, até então desconhecidos para mim. A

horizontes se projetavam diante de mim. Sentia que avançava científica, profissional e pessoalmente. E, importante, de forma integrada.

Resolvi dar continuidade ao meu projeto de acadêmico, ao mesmo tempo que continuava vinculada profissionalmente à Rede de Bibliotecas da Prefeitura de São Paulo. Continuei, assim, coordenando a *Estação Memória*, transitando entre a Universidade e a Biblioteca, condição que me permitiu continuar participando dos projetos do PROESI, dentre eles a implantação da *Rede de Bibliotecas Escolares Interativas - REBI*, no município de São Bernardo do Campo, bem como a organização de eventos científicos de diferentes naturezas. No segundo semestre de 1999, inscrevi-me, então, como candidata ao Doutorado e, aceita, iniciei novo ciclo de estudos no ano de 2000.

O primeiro ano do Doutorado foi dedicado à realização de duas disciplinas e à redefinição do projeto de pesquisa, decorrente de minha participação direta, como pesquisadora e formadora, na constituição da Rede de Bibliotecas Interativas de São Bernardo do Campo/SP.

Findo o ano de 2000, com a mudança da gestão municipal, sempre ligada profissionalmente à Secretaria de Cultura, fui convidada para ocupar o cargo de Diretora do Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis. Depois de muitas ponderações, aceitei o convite, em função, especialmente, do apoio que recebi da maioria de meus colegas. Talvez o momento pudesse ser a oportunidade para uma mudança paradigmática na gestão da maior Rede de Bibliotecas Públicas do país. As experiências profissionais, a trajetória acadêmica, a participação na criação da *Estação Memória*, da *REBI* haviam fornecido subsídios conceituais e metodológicos importantes, capazes de refazer esperanças de mudanças indispensáveis na dinâmica da rede de bibliotecas da cidade de São Paulo.

Além disso, a aceitação do cargo passou ainda por outro filtro importantíssimo: foi-me assegurado que teria liberdade para concatenar os dois projetos: de um lado, a gestão do Departamento de Bibliotecas; de outro, a realização de meu Doutorado, prioridade de que não podia abrir mão, em nenhuma circunstância. Estava definitivamente engajada na construção de um projeto de Ensino e Pesquisa, dentro de parâmetros de que também não abriria mão. Encontrara, finalmente, minha própria casa!

Na Diretoria de BIJ, apesar das dificuldades naturais de início de gestão, mudança de quadros administrativos e da habitual falta de caixa etc., havia muita expectativa de que o projeto apresentado possibilitasse a renovação da velha política assentada sobre o forte controle central, hierárquico, e, sobretudo, da filosofia que orientava o projeto cultural das bibliotecas. A indicação do meu nome para ocupar o cargo de direção propunha o avanço na perspectiva de uma gestão não-burocrática, não-piramidal, em razão de minha história de trabalho e de meus conhecidos vínculos com a Universidade.

No dia da posse ao cargo, apresentei o projeto de trabalho para o período (2001-2004) contemplando novas concepções e modos de atuar. Propunha, nesse quadro de renovações, diferentes frentes de ação, como a redefinição e ressignificação do papel de determinadas unidades na rede, reforma e readequação de prédios, implantação de novas tecnologias e sistema de comunicação, formação para o quadro funcional, requalificação do acervo, constituição de novos modelos administrativos, assentados na participação e diálogo permanentes. Tais linhas de atuação visavam tanto à alteração das estruturas *visíveis* quanto das *invisíveis*. O programa dava ênfase às mudanças na forma de gestão interna do Departamento, a partir de objetivos e procedimentos explícitos, pressupondo a participação das unidades na realização da política cultural democrática, há muito esperada.

Dando mostras das mudanças de condução do Departamento, três meses após o início da gestão (1º de maio de 2001), lançamos, em cooperação com o PROESI, um novo tipo de serviço informação à população - a *Biblioteca do Trabalhador*-, iniciativa que reunia e articulava a universidade, uma empresa da construção civil e o serviço público como instâncias cooperantes do projeto. A iniciativa resultou na criação de 8 espaços informacionais, implantados em canteiros de obras, em diferentes locais da cidade. Face às novas e singulares questões impostas pela originalidade da proposta, o projeto teve ampla repercussão, sobretudo porque apontava caminhos à redefinição das políticas de implantação e desenvolvimento de bibliotecas em situações diferenciadas dos parâmetros tradicionais. No entanto, a iniciativa existiu enquanto atuei como Diretora, à frente do Departamento de BIJ. Os encaminhamentos da gestão posterior, talvez desconsiderando as especificidades e características do circuito onde os

espaços informacionais eram implantados, não foram suficientes para manter viva a proposta que, apesar dos resultados positivos claramente apresentados, ainda carecia de tempo para apropriação institucional.

Por outro lado, no mesmo período, reforçando as preocupações quanto à importância de novos métodos de gestão, continuei coordenando e desenvolvendo práticas culturais na *Estação Memória*, agregando às ações de gestão do serviço uma outra perspectiva: acompanhar diretamente a vida de uma unidade, observando os reflexos da minha própria gestão à frente do Departamento. O método, apesar de árduo pela exigência de tempo que demanda, permitia avaliar com alguma nitidez as relações entre a política departamental (ainda centralizada) e seus reflexos nas unidades, servindo de ferramenta para diagnóstico das realidades da rede.

Com o passar do tempo, o cargo de Diretora do Departamento, com as exigências próprias de um projeto de transformação de estruturas burocráticas cristalizadas, passou a demandar cada vez mais disponibilidade de tempo, comprometendo meus projetos acadêmicos. Primeiramente, a contragosto, fui forçada a pedir trancamento de matrícula no Doutorado, por seis meses. Ao mesmo tempo, as ações no PROESI foram reduzidas, provocando perdas científicas essenciais e que me deixavam profundamente insatisfeitas. Em outras palavras, contrariamente ao acordado quando de minha aceitação do cargo, e independentemente das vontades pessoais, a dinâmica do serviço não conseguia dialogar com minhas opções científicas, colocando-as em risco. Estava em pauta, portanto, um processo que, além de prejuízos pessoais, não correspondia à minha compreensão do que deveriam ser as relações entre ciência e serviço. Em hipótese alguma, podia aceitar a subordinação de uma à outra, seja na esfera epistemológica, profissional ou pessoal. Ao assumir, representava transição de um modelo piramidal para um modelo participativo onde as diferenças eram reconhecidas, aceitas e afirmadas. Não podia, portanto, ficar passiva à subordinação que me era imposta.

Além disso, não havia como deixar de considerar que a gestão, em vários aspectos, assumia direções anti-intelectuais e anti-científicas indisfarçáveis. Um exemplo: ao defender, em reunião de cúpula da Secretaria, o planejamento estratégico criterioso para a implantação das bibliotecas dos Centros Educacionais Unificados (CEUs), ouvi como

1985

Ciclo de Palestras sobre Leitura e Literatura Infantil

Doc. 14

Curso de Animação Cultural de Bibliotecas

Doc. 15

Curso de Expediente e Administração

Doc. 16

Seminário Leitura e Sociedade

Doc. 17

1986

III Simpósio sobre Biblioteca e Desenvolvimento Cultural

Doc. 18

V Seminário Latino-Americano de literatura Infantil e Juvenil

Doc. 19

1988

Seminário de Literatura, Arte e Educação

Doc. 20

1989

Seminário sobre Administração de Treinamento de Pessoal em
Biblioteconomia

Doc. 21

1990

Seminário "Cultura Brasileira na Literatura Infantil e Juvenil"

Doc. 22

V Simpósio sobre Biblioteca e Desenvolvimento Cultural

Doc. 23

resposta de meu superior: "você é precipitada! Primeiro a gente implanta, depois pensa, vê como cuida..."

Desse modo, diante dos descompassos resultantes da falta de diálogo entre o projeto departamental que eu defendia e as prioridades que o programa de governo passava a exigir; diante, sobretudo, das ameaças às minhas opções acadêmicas, tomei posição pela volta à coordenação da *Estação Memória*, pela conclusão de minha tese de doutoramento nos prazos fixados, pela realização de diferentes atividades científicas no PROESI, como, em especial, ações de formação, nos quadros da REBI e, posteriormente, no próprio Departamento de Bibliotecas. Trabalhei, então, na produção de materiais didáticos, de apoio a profissionais da área, concomitantemente à tese. Desenvolvi, no período, três publicações, tratando: a) *Memória e Educação*, enfocando o conceito de memória e experiência nos espaços de informação e cultura destinados a à educação de crianças e jovens; b) *Pesquisa escolar*, contendo os pressupostos, conceitos e procedimentos que visam promover a apropriação dos dispositivos de informação e cultura e seus conteúdos por alunos dos diferentes níveis escolares; c) *Sistema Documentário da Biblioteca Escolar Interativa* com foco nos princípios e descrição das linguagens documentárias adotadas para a configuração da ordem informacional das bibliotecas.

A elaboração de tais materiais constituiu etapa fundamental de sistematização dos trabalhos ligados à pesquisa para o Doutorado, em razão não somente da explicitação da complexidade das questões que envolvem o campo da Informação e da Educação, bem como dos diferentes eixos que sobre ela intervêm.

Tal movimento significou a explicitação de um objeto de pesquisa e sua qualificação. A formulação que dava título à tese - *A ordem informacional dialógica* - sintetizava minha trajetória, respondia e avançava sobre indagações mobilizadoras, resultantes do impedimento de acesso aos conteúdos da biblioteca pública, por "razões de domicílio". Nesse sentido, minha tese (*A ordem informacional dialógica: estudo sobre a busca de informação em Educação*), defendida em outubro de 2004, trataria de uma *ordem informacional* preocupada com a inclusão e a apropriação de informação e cultura pelos mais variados segmentos sociais,

compreendendo tal *ordem* informacional como um conjunto resultante de variadas categorias: políticas, científicas, metodológicas, envolvendo espaços, repertórios, linguagens, técnicas, práticas e produtos informacionais e culturais.

Se minha formação científica, como a de muitos outros pesquisadores no país, correu paralelamente ao exercício da profissão, avalio, hoje, que as dinâmicas próprias de cada processo exigem concentração em um dos focos, a partir do qual o diálogo indispensável entre ambos será estabelecido. Minha experiência me mostra que avanços consistentes, seja na construção científica, seja no desenvolvimento dos serviços, implicam tempo e dedicação inerentes a cada projeto. Desse modo, como conclui minha trajetória na administração municipal, acho-me liberada para dedicação plena ao campo acadêmico, onde sempre estive, desde os 18 anos, mas onde, pela primeira vez, sinto-me em condições efetivas de postular um cargo institucional de docência e pesquisa. Nesse novo lugar, entendo que, em função de meu percurso, reúno interesse e condições de formação de novas gerações de profissionais, em diferentes níveis de graduação e pós-graduação. Ao mesmo tempo, sinto-me em condições de poder sistematizar e produzir conhecimentos científicos indispensáveis ao desenvolvimento de serviços de informação e cultura, pautados por paradigmas voltados à inclusão e à participação cultural dos mais variados segmentos sociais, independentemente da área em que se insiram.

1. Dados pessoais

1.1 Identificação

Nome: IVETE PIERUCCINI
Filiação: Pai: Dante Pieruccini
Mãe: Karla Pieruccini
Data de Nascimento: 18 de Julho de 1951
Naturalidade: São Paulo
Nacionalidade: Brasileira
Estado civil: Separada judicialmente
Cédula de identidade: RG. nº 5.031.025-2 (SSP/SP - 04/09/74)
CPF.: 664.236.518-68
Título de eleitor: 32266901-75. Zona 002. Seção 0312
E-mail: ivetepie@yahoo.com.br

2. Formação Acadêmica

Curso de Graduação

1970-1973

Biblioteconomia

Escola de Comunicações e Artes/USP

Grau obtido: Bacharel

Doc. 1

Cursos de Pós-Graduação

1986-1987

Especialização em Ação Cultural

Escola de Comunicações e Artes/USP

Doc. 2

1994-1999

Ciências da Comunicação. Área: Ciência da Informação e Documentação
Escola de Comunicações e Artes/USP

Dissertação: *Estação Memória*: lembrar como projeto. Contribuições ao estudo da mediação cultural.

Grau obtido: Mestre

Doc. 3

2000-2004

Ciências da Comunicação. Área: Ciência da Informação e Documentação
Escola de Comunicações e Artes/USP

Tese: *A ordem informacional dialógica*: estudo sobre a busca de informação em Educação

Grau obtido: Doutor

Doc. 4

3. Atividades Profissionais**1974**

Técnica em Documentação
Conselho Estadual de Tecnologia

Doc. 5

1974-1977

Bibliotecária
Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes/USP

Doc. 6

1977-2005

Bibliotecária
Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis. Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo

Cargos exercidos:

Bibliotecária-chefe. Bibl. Infanto-Juvenil Clarice Lispector: 1980 - 1989

Bibliotecária Diretora de Divisão. Supervisão de Bibliotecas Ramais:
1989- 1990

Diretora. Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis: 2001-2003
Doc. 7

4. Participações em Cursos, Congressos, Seminários

1973

II Conferência Nacional de Tecnologia da Educação Aplicada ao Ensino
Superior

Doc. 8

1974

Curso Técnicas de Planejamento para Sistemas de Informação

Doc. 9

1978

IV Assembléia das Comissões Permanentes e Encontros Nacionais da
FEBAB

Doc. 10

1982

I Simpósio sobre Biblioteca e Desenvolvimento Cultural

Doc. 11

1983

Programa de Desenvolvimento Gerencial

Doc.12

1984

II Simpósio sobre Biblioteca e Desenvolvimento Cultural

Doc. 13

1991

Curso "Práticas Culturais com a Infância"

Doc. 24

Curso de Formação de Mediadores de Leitura

Doc. 25

1993

Seminário "Documentação, Infância e Educação"

Doc. 26

Seminário "Administração de Serviços de Informação para a Infância"

Doc. 27

Seminário "Serviços de Referência e Informação para a Infância"

Doc. 28

1994

Curso de Desenvolvimento do papel profissional

Doc. 29

Seminário "A Literatura Infanto-Juvenil e a identidade cultural na cidade de São Paulo"

Doc. 30

1995

Seminário "Biblioteca, Leitura e Educação"

Doc. 31

Simpósio Serviços de Informação em Educação: Políticas e Práticas

Doc. 32

1996

Curso do Instituto de Estudos Avançados: "São Paulo: (re)visão de uma metrópole"

Doc. 33

Seminário Especializado "O livro no Brasil: o impacto das novas tecnologias"

Doc. 34

5. Debates, Seminários, Palestras ministradas

1987

Painelista no 14º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação

Doc. 35

1988

Palestrista no Seminário Brasil-Alemanha sobre literatura Juvenil

Doc. 36

1990

Palestrista na Semana de Integração CBD/ECA/USP

Doc. 37

Debatedora do tema "Leitura" no Colegiado Interdepartamental de Bibliotecas

Doc. 38

1991

Palestrista no I Congresso de Educação, Cultura, Esporte e Lazer do Município de São Bernardo do Campo/SP

Doc. 39

1992

Palestrista no Curso de Pedagogia das Faculdades Campos Salles

Doc. 40

1993

Palestrista na Semana Nacional da Biblioteca. SMC/BIJ

Doc. 41

1994

Palestrista na Disciplina Projeto Experimental em Biblioteconomia I.
CBD/ECA/USP

Doc. 42

1998

Palestrista no Curso Biblioteca e Leitura. São Thomé das Letras e Pouso
Alto/MG

Doc. 43

Palestrista na V Semana Integrada Faculdades Teresa D' Avila

Doc. 44

2001

Expositor no VIII Encontro Nacional de Avaliação e Perspectivas 2002 do
PROLER

Doc. 45

2002

Palestrista no Seminário *Conversas sobre Leitura: do fascínio ao tédio*

Doc. 46

Painelista no XX Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e
Ciência da Informação

Doc. 47

6. Mesas Redondas, Conferências, Cursos ministrados

1995

Professor na Disciplina Projetos do Curso de Especialização "Serviços de
Informação Educativos - módulo IV" (1995-1996)

Doc. 48

1996

Professor da Oficina de Construção de Livros. Curso de Extensão
Universitária. PROESI/CBD/ECA/USP.

Doc. 49

Coordenação de Mesa Redonda no 3º Congresso de Educação, Cultura e Lazer do Município de Diadema/SP.

Doc. 50

1998

Participante de Mesa Redonda no Colloque franco-brésilien vers une bibliothèque interactive. INRP/CRDP, Paris/FR

Doc. 51

Participante da Mesa Redonda "Estação Memória", no 9º Simpósio de Bibliotecas e Desenvolvimento Cultural"

Doc. 52

2000

Conferencista no Encontro Anual PROLER/Baixada Santista

Doc. 53

2001

Expositor no Ciclo de Conferências e Mesa Redonda Bibliotecas Públicas diante da Sociedade da Informação

Doc. 54

2002

Conferencista no VI Encontro Estadual do PROLER/Pólo Carioca

Doc. 55

Conferencista no Encontro Estadual do PROLER/Goiânia, com o tema: O Sistema de Bibliotecas Públicas de São Paulo

Doc. 56

Conferencista no Encontro Estadual do PROLER/Goiânia, com o tema: A Biblioteca Pública e a Formação do Leitor

Doc. 57

2005

Conferencista no Seminário Internacional França-Alemanha-Brasil

Sociedade da Informação: novo paradigma para as bibliotecas

Doc. 58

7. Comissões

1987

Comissão organizadora do I Encontro de Agentes Culturais do Estado de São Paulo

Doc. 59

Comissão organizadora do I SACI - Seminário Ação Cultural e Integração

Doc. 60

1988

Comissão Projeto Quero Ler. Portaria 01/BIJ-6/88

Doc. 61

Comissão organizadora do II SACI - Seminário Ação Cultural e Integração

Doc. 62

2000

Comissão organizadora e participante do IV Colóquio Brasil-França de Informação e Educação

Doc. 63

8. Atividades de Coordenação

1988

Coordenação Técnica do Curso Quero Ler

Doc. 64

1997

Coordenação da *Estação Memória*, na Biblioteca "Álvaro Guerra" (até

2005)
Doc. 65

9. Estágios e Missões de trabalho

1993

Estágio profissional para implantação do "Arquivo Cultural para Crianças"
Doc. 66

1997

Membro da Missão de Trabalho e do Seminário França-Brasil sobre o conceito de *Biblioteca Interativa*
Doc. 67

10. Bancas

1992

Membro de Banca Examinadora de TCC : Lucimara de Almeida Nelo
Doc. 68

1994

Membro da Banca Examinadora de TCC Valdirene de Marcos
Doc. 69

1996

Membro da Banca Examinadora de TCC: Elza Betini Rondelli
Doc. 70

Membro da Banca Examinadora de TCC: Márcia Albino dos Santos
Doc. 71

1998

Júri do Festival Hans Christian Andersen de Contação de Histórias
Doc. 72

11. Publicações

1995

Artigo: "Livro e leitura no Brasil: alguns aspectos acerca da entrada do impresso no país" . Ensaíes APB.

Doc. 73

1998

Artigo "La Station Mémoire": Réflexion sur une Pratique Culturelle

Doc. 74

2004

Artigo: Espaços de leitura articulados: a escola na biblioteca pública

(também disponível em: www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2004/el/tetxt5.htm)

Doc. 75

2005

Caderno REBI. *Memória e Educação* (no prelo)

Doc. 76

Caderno REBI. *Pesquisa escolar*. (no prelo)

Doc. 77

Caderno REBI. *Sistema Documentário da biblioteca Escolar Interativa*. (no prelo)

Doc. 78

12. Relatórios técnico-especializados e outras publicações

1988

Projeto Quero Ler: Relatório de Atividades, Experiências e Conclusões

Doc. 79

2001

Projeto Bibliotecas Comunitárias: orientações gerais

Doc. 80

2004

Boletim *Lembrando São Paulo*. Número especial

Doc. 81

13. Programa de Televisão

2004

Participação no Programa de TV Salto para o Futuro, MEC/TVE. (Data: 18.10.2004)